rus, 2015.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: O Jogo como Elemento da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo e brincadeira e a educação. São Paulo, Editora Cortez, 1999

KHISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. Pioneira: São Paulo, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.

5 Ed. São Paulo: Cortez. 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação. 15. Ed. Petrópolis, RJ, 2009.

KSHIMOTO, T.M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1996.

PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento da criança. 7 ed. Martins Fontes: São Paulo, 1999.

REVISTA PAIS&FILHOS. Neurociência prova que crianças precisam brincar ao ar livre. Disponível em: https://paisefilhos.uol.com.br/crianca/neurociencia-prova- que-criancas-precisam-brincar-ao-ar-livre/. Acesso: 03 fev 2021.

WAJSKOP, Gisela. 1995. O brincar na educação infantil. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n.92, p. 62-69, fev.

WAJSKOP, Gisela. BRINCAR na pré-escola. São Paulo: Cortez, 1995. VYGOTSKY, L. (1984). Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

JULIANA GUIMARÃES DE SOUSA

RESUMO

A contação de história na Educação Infantil permite a criança vivenciar sensações e sentimentos para o desenvolvimento intelectual, social, e psicológico, esta ferramenta propicia o desenvolvimento da linguagem, imaginação e criatividade, ao narrar à história, a criança é transportada para um mundo de fantasias e personagens em um enredo empolgante cheio de mistérios, fatos fictícios e reais que influenciam no ensino aprendizagem. A Literatura Infantil vai além da organização do espaço, há necessidade de desenvolvimento de projetos que auxiliem na alfabetização, na interdisciplinaridade e na capacidade de desenvolver dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: contação de história, literatura, educação infantil, desenvolvimento, aprendizagem.

ABSTRACT

Storytelling in Early Childhood Education allows the child to experience sensations and feelings for intellectual, social, and psychological development, this tool promotes the development of language, imagination and creativity, when narrating the story, the child is transported to a world of fantasies and characters in an exciting storyline full of mysteries, fictional and real facts that influence teaching and learning. Children's Literature goes beyond the organization of space, there is a need to develop projects that help with literacy, interdisciplinarity and the students' ability to develop.

KEYWORDS: Storytelling, Literature,

Early childhood education, Development, Learning.

INTRODUÇÃO

Para falarmos da contação de história se faz necessário pensarmos primeiramente na leitura e consequentemente em o ato de escrever. Segundo Marnaide (2007/2008) a leitura nada mais é que uma ação de compreender, a autora destaca a leitura como uma ferramenta que nos permite compreender o mundo a nossa volta e a nós mesmo, sendo um fator importante para formação de nossa personalidade e também compreensão de aspectos sociais e políticos. “É imprescindível que os diversos segmentos da sociedade convençam-se da importância da leitura e, desta forma, da escrita” (Marnaide, 2007/2008 p.2).

Gadotti, 1998 afirma que leitura e escrita se completam, um sem o outro seria incompleto, na visão do autor:

O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como ‘perigo’, ‘atenção’, ‘cuidado’, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente (Gadotti, 1998, p. 17).

A cultura brasileira não é orientada a leitura, infelizmente no Brasil o hábito da leitura é algo pouco incentivado, segundo Agência Brasil 2020, o brasileiro lê em média, cinco livros por ano, sendo apenas a metade de livro lidos inteiros e os demais com a leitura interrompida. O site aponta dados alarmantes em relação à leitura no nosso País:

O Brasil perdeu, nos últimos quatro anos, mais de 4,6 milhões de

2015 para 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52%. Já os não leitores, ou seja, brasileiros com mais de 5 anos que não leram nenhum livro, nem mesmo em parte, nos últimos três meses, representam 48% da população, o equivalente a cerca de 93 milhões de um total de 193 milhões de brasileiros (Agência Brasil, 2020, p.1).

A contação de história, antes de mais nada é uma ferramenta que exige a prática da leitura, desta forma, é possível um maior domínio para o objetivo final que é o de ensinar de modo didático. Para Viana e Primo (2013), contar história não é só o ato de ler para o educando, mas é bem enfática ao destacar a importância de interpretar a história para que aja uma compreensão por parte do ouvinte. A autora explica a contação de história como estimulador de aspectos cognitivos e comportamentais da criança, pontuando uma falta de atenção por parte dos educandos para tal.

Contar história é educar, é o artifício da oralidade, que estimula a imaginação das crianças, como se tudo tivesse vida, significado, emoções e prazer. Observa-se que a maioria dos educadores não tem noção da importância da história das histórias para a formação de qualquer criança, pois através das histórias podem conhecer outros lugares, outros tempos, mudar o jeito de ser e de pensar emocionar rir, chorar, ficar triste, sentir alegria viver tudo aquilo que as narrativas provocam em quem as ouve, mas se o contador não dominar essa arte as história deixa de ser prazerosa e passa a ser apenas didática (Viana e Primo, 2013, p.3).

Por conta disso houve a necessidade de buscar sobre o tema em questão para investigar como se da os processos de apren-

dizagem através da cotação de história, quais aspectos que influenciam no desenvolvimento da criança e as características que envolvem esse processo. Desta forma, a revisão bibliográfica nos permite ampliar o olhar do modo que criança aprende por meio do ouvir, que momento há a descoberta e sentimentos que desperta para a imaginação e criatividade, consequentemente para o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Desta forma o objetivo deste trabalho é levantar questões referentes à influência da contação de história na educação infantil, investigar a importância no desenvolvimento intelectual, buscando o equilíbrio entre mente e corpo da criança.

O artigo está dividido em três capítulos, o primeiro discorre sobre a importância da literatura na educação infantil, quais características e sugestões para prática na sala de aula.

O segundo capítulo aprofundamos na revisão bibliográfica sobre a contação de história, origem, relevância e manuseio na prática pedagógica.

O terceiro capítulo enfatizou os contos fadas como principal ferramenta na Arte de contar história, não dar para pensar em Educação Infantil sem atrelarmos a histórias fictícias permeadas por enredos empolgantes e cheios de fantasias, nos quais traz encantamento para as crianças.

LITERATURA INFANTIL E DESENVOLVIMENTO

Malu (2107), explica que a Literatura Infantil, utilizada de modo adequado, é um instrumento de suma importância na construção do conhecimento do educando, nas palavras da autora, a criança desperta para o mundo da leitura de forma a aprender, mas também sente prazer nas atividades proposta com o uso da literatura. Quando a literatura é iniciada na infância, a imaginação da criança é desenvolvida e isso é experimentado de forma prazerosa. A literatura utilizada desde cedo faz diferença no poder de aprender durante toda a vida.

Na visão da autora o uso dos livros vai mais além do que simplesmente a ideia de comunicação e do desenvolvimento da linguagem, mas é um recurso capaz de promover a interação social e trabalhar o emocional.

A criança que entra em contato com o universo da leitura tem mais facilidade para aprender e para conviver na escola. A leitura é uma realidade interdisciplinar que, em muitas de suas manifestações está relacionada com outros modos de expressão que formam a bagagem comunicativa da criança desde seus primeiros anos, isto é, na Educação Infantil (MALU, 2107, p.33).

Literatura e escrita é, sobretudo algo prazeroso, um é consequência do outro. A partir do momento que tomamos o gosto pela literatura, criamos espaço para buscar mais e mais o hábito da leitura. Quanto mais investimos em atividades que despertem o prazer da leitura em sala de aula, mais contribuímos para formação de crianças ativas, criativas, curiosa e consequentemente se tornam pessoas mais autônomas, capazes de identificarem qual o seu papel no mundo e nas vidas das pessoas nas quais convivem.

Viana e Primo (2013), frisa a importância da literatura para o desenvolvimento da imaginação e da fantasia, para ela, a criança é capaz de simbolizar o seu mundo, porém, cabe ao educador saber conduzir esse momento para a criança desenvolver a oralidade, por meio do que ela ouve, além do mais, o “momento da leitura cria um vínculo maior entre pais e filhos e professores e alunos”

Alguns exemplos da prática literária:

1. Varal de leitura

Basicamente, será necessário imprimir imagens da história que deseja contar. Caso seja uma narrativa criada pela própria criança, ela mesma pode desenhar as personagens em um cartão.

O material usado:

- Barbante
- Imprimir imagens de cenários e personagens da história a ser contada
- Pregadores de roupas

A história no varal é um ótimo recurso para a contação, pois as crianças conseguem visualizar melhor o texto e as ilustrações. Enquanto se conta, são feitas perguntas sobre o enredo, personagens e as características do cenário. Depois da contação, pergunta-se quem quer recontar a história para os colegas. Considera-se que a contação de histórias é de suma importância na Educação Infantil, para que os pequenos leitores se tornem leitores mais competentes. Acredita-se que é necessário que a prática da contação de histórias ocorra desde a mais tenra idade e deva ser incentivada no âmbito escolar para proporcionar o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo.

2. Ciranda do livro

A ciranda do livro é uma atividade aplicada a alunos que tenha conhecimento básico de leitura e escrita. A importância dessa atividade é:

- Desenvolver o hábito de leitura;
- Desenvolver o senso crítico e a criatividade;
- Expressar-se com coerência e fluência;
- Registrar suas ideias e opiniões;
- Envolver os pais nas atividades escolares;
- Interpretar as histórias lidas;
- Realizar atividades propostas em casa e na escola como: caça-palavras, jogo de forca, quebra-cabeça, montagem de enredo de histórias, confecção de fantoches, entre outros;
- Relatar cenas e contar histórias lidas;
- Desenvolver a linguagem oral e escrita;
- Desenvolver habilidades relativas à fala por meio de interação e de sua participação nas diversas atividades propostas;
- Desenvolver atitudes de interação, de colaboração e de troca de experiências em grupos.

Aplicação da atividade:

A duração da atividade é de aproximadamente 360 minutos, sendo 12 atividades de 30 minutos cada.

Antes de iniciar as atividades

Professor, o projeto “Ciranda do Livro” consiste em rodízio de livros com diferentes títulos realizados com os alunos de uma turma. Todas as atividades propostas nesse projeto deverão acontecer depois da leitura de livros que deverão ser providenciada por

meio de alguns passos para execução desse projeto. A cada troca de livro os alunos levam uma nova atividade, aqui denominada como “desafio”. São atividades de habilidades manuais e de linguagem oral e escrita nas quais os alunos serão desafiados a exercerem além da sua oralidade, interpretação e reconhecimento de unidades fonológicas, criação de fantoches, contação de histórias, resolução de cruzadinhas, caça palavras, escrita espontânea, reconhecimento de personagens, jogo de forca, auto ditado, recorte e colagem de palavras e trechos de histórias, entre outros. Essas atividades deverão ser realizadas em casa, e também na sala de aula. No decorrer do desenvolvimento do projeto as crianças deverão construir um livro onde serão anexadas as atividades realizadas. Ao final do projeto deverá ser entregue a cada aluno um certificado de participação e uma medalha de “Bom Leitor” como estímulo à continuidade da prática da leitura. Por meio do projeto deve ser dado à literatura um caráter lúdico e ser desenvolvida a ideia de que a leitura é capaz de transportar as pessoas a lugares e espaços e tempos inimagináveis.

Iniciando os trabalhos

Professor, para dar início ao projeto, você deve escolher um repertório de títulos de livros de literatura infantil adequado à faixa etária, com vocabulário apropriado, que não sejam nem extensos, nem muito curtos, histórias que valorizam e respeitam as diferenças e combatem os preconceitos, assuntos atuais e educativos. Você pode escolher quantos livros quiser, tudo vai depender do seu planejamento. A sugestão é que o aluno leve um livro por semana, e a cada vez que a criança ler um livro ela terá uma atividade em forma de desafio para fazer em casa, com a orientação de um adulto. A quantidade de livros corresponde a quantidade de semanas que durará o projeto, dessa forma, corresponde também ao número de atividades que você deverá propor, visto que, cada semana há uma atividade para ser feita. O número máximo de semanas precisa ser a quantidade de alunos da turma, para que o rodízio dos livros contemple todos os alunos e não possa sobrar. Um dos objetivos do projeto é envolver a família nas atividades escolares, mas é preciso que seja muito bem explicado aos pais para que eles possam apoiar e participar da compra do livro e das leituras em casa. Professor, o projeto deve ser esclarecido na primeira reunião de pais e explicado a importância do envolvimento da família no projeto, a fim de promover a leitura, a escrita e a oralidade. Os pais precisam entender a dinâmica das atividades e dos desafios e o valor do apoio deles nesse trabalho. Esclareça que deverá ser confeccionada uma sacola do projeto para cada criança e que os alunos levarão para casa a cada semana, com o livro e a atividade a ser realizada, bem como as atividades acumuladas na sacola realizada por outros alunos. E que será necessário o acompanhamento dos pais nas atividades. Explique que a primeira atividade é a construção de um fantoche e que as crianças não conseguem fazer isso sozinhas. Mesmo esclarecendo tudo isso na reunião, escreva um bilhete para lembrar aos pais e informar aos ausentes.

3. Fazendo a narração

A opção do professor pode ser por LER ou por NARRAR uma história. Qualquer que seja a opção é indispensável o estudo antecipado da história, lendo-a atentamente e preparando a leitura ou a narração. O uso da voz é muito importante. A entonação, a boa dicção, a transmissão de sentimentos de calma, segredo, atenção, emoção, medo, etc.

Os gestos, a expressão facial, ajudam a dar ênfase na narração. Incluir na narração pausas rápidas, momentos de suspense, dar o —tempo certo para introduzir um novo momento da história, são indispensáveis para atrair o ouvinte.

Há textos que requerem, indispensavelmente, a apresentação do livro, pois a ilustração os completa. Devemos mostrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Ao LER é muito importante segurar o livro virado para as crianças, de forma que possam visualizar a ilustração paralelamente à leitura feita pelo professor.

O NARRAR consiste em recorrer à memória para espontaneamente apresentar a história às crianças. A escolha de uma história com que o narrador se identifique, facilita a sua memorização e lhe dá prazer em trabalhar. È mais envolvente quando o narrador apresenta detalhes dos personagens, seus nomes, características psicológicas, as frases essenciais, os lugares e situações que chamem a atenção. Isto auxilia a criação de um cenário que facilita a imaginação das crianças.

Evitar interromper a narrativa para dar explicações do vocabulário, ou chamar a atenção dos alunos. As palavras desconhecidas podem dificultar a compreensão dos alunos? Tauveron (2002) afirma que o vocabulário não constitui um obstáculo maior à compreensão. Uma palavra só faz sentido num contexto, assim é preciso primeiro compreender o contexto e às vezes o texto para finalmente compreender a palavra.

Saber ler é saber não parar, não se bloquear sobre uma palavra, é não interromper seu trabalho intelectual com uma particularidade. Nos enganamos quando pensamos ajudar os alunos ao fazermos a —tradução do vocabulário, além de criarmos a falsa ideia de que a compreensão de cada palavra leva à compreensão do texto.

A caça às palavras difíceis ignora também as intenções estéticas do autor e a interação do texto e do leitor. O uso de um sinônimo ou de uma paráfrase no lugar de uma palavra do texto é uma maneira de subestimar os valores da escolha lexical do autor. Cabe ao leitor fazer a ligação entre as palavras que vacilam quando as aproximamos e que lembram uma rede plural, na medida em que a cada confrontação fazem aparecer novos estratos de sentido.

Sempre permitir que ao final da narrativa os alunos expressem suas ideias e emoções. Permitir que os alunos façam a leitura em voz alta das suas próprias produções. Os alunos precisam sempre de um tempo de preparação ou um tempo de leitura silenciosa, antes da leitura em voz alta, para preparar a entonação que é um excelente meio de tradução de tudo o que pode se constituir o implícito do texto: a atmosfera da narrativa, os sentimentos dos personagens, o humor.

4. A criança como protagonista

Misturar o nome das crianças da sala nas histórias, nos poemas, nas parlendas, etc. Descrever os personagens de uma história a partir das características físicas das crianças. Por exemplo: O Mário Marinheiro tinha os cabelos crespos como o do Fulano, os olhos pretos como os do Ciclano, era magro como o Beltrano, etc.

5. Adivinhe quem é

Prepara-se cartões com a imagem de personagens e cartões com a sua descrição (características físicas, psicológicas, hábitos, moradia, alimentação etc.). As crianças de-

vem juntar os cartões correspondentes e comentá-los com os colegas. O passo seguinte seria que os alunos tentassem descrever personagens de contos conhecidos para que os colegas adivinhassem de quem se trata.

6. Autobiografias

Solicitar aos alunos que destaquem um episódio de suas vidas e o relacionem com um episódio de um livro. Essa busca de paralelos pode ser tanto de semelhanças quando de diferenças. Outra consiste em contrapor a vida do aluno à trajetória da protagonista. O aluno também pode dizer o que faria se estivesse vivendo tal situação ou pode aconselhar à personagem assumindo o papel de membro da família ou amigo.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Segundo viana e primo (2013) a cotação de história é uma prática muito antiga, na qual, contribui para o desenvolvimento da imaginação e criatividade por parte do ouvinte, além de estimular o processo de aprendizagem cognitivo e comportamental, também desperta para o hábito da leitura. A mesma ao pesquisar a contação de história em uma escola localizada em Anápolis – GO, verificou que não somente os alunos eram capazes de ‘entrarem no mundo da imaginação, mas também aquele que os ensinavam, professores e alunos conseguiam expressar com gestos, vozes, expressões corporais, na medida que a história ia sendo contada, mas a mesma frisa a importância de não somente ler, mas de interpretar, sendo assim um facilitador para gerar encantamento nas crianças e prender atenção.

É importante que o contador crie um clima de encantamento, de envolvimento entre as crianças e o conto, saber dar as pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário da criança, deixá-la criar seus próprios personagens seja monstro, princesa, príncipes, mocinhos, bandidos e outros. Deve-se lembrar de que o mais importante é o interagir entre contador e os ouvintes (Viana e Primo, 2013, p.7).

Ainda na visão da autora, cabe ao professor usar estratégias adequadas na hora de contar história, cita os contos de fadas como histórias muito estimadas pelas crianças, sendo assim, facilitadoras na arte de contar história. O uso dos contos de fadas pode trabalhar o lado emocional das crianças, pode ser trabalhado o sentimento de vingança, ensinando a consciências de valores sociais e convivência humana ao passo de fazê-las diferenciar o bem e o mal, o que pode o que não pode, numa ideia de que o bem sempre vence o mal.

Da mesma forma, a autora destaca que as histórias fictícias tem sua importância no desenvolvimento educacional, também frisa a importância de histórias reais no processo de aprendizagem. A autora cita a Biblia como referencia de história real, permeada por ensinamentos sobre a ética social, valores como o perdão, amor, bons costumes, princípios éticos e morais “as crianças adoram ouvir as histórias dos heróis da Bíblia, como Davi e Golias, Jonas na barriga da Baleia, Daniel na cova dos leões e muitos outros” (Viana e Primo, 2013, p.8).

Para tanto, não basta apenas contar a história, quando falamos em crianças é necessário o uso da criatividade para prender atenção e mante-las atentas ao objetivo final, desta forma, a autora sugere recursos criativos para a contação de história.

O uso de HISTÓRIA EM QUADRINHOS atrai as crianças por ser algo cheio de cores, quadros e balões, falas otimista e alegre, trazendo leveza e empolgação ao leitor, já o TEATRO INFANTIL tem a sua relevância, pois permite o aluno entrar na história de forma a se imaginar como o personagem encenado. A POESIA também é um ótimo recursos, porém é necessário que o professor escolha de acordo com a faixa etária da criança. MÚSICA, PARLENDAS são úteis pela a rima, geralmente, desperta emoções empolgantes na criança. Os FANTOCHES são muito utilizados, devido a mágica e encantamento despertado, mas é necessário um cuidado no modo de manusea-los pelo professor, desta forma, não basta apenas um boneco físico, mas a interpretação com gestos, voz.

A contação de história em ultima análise depende primeiramente do engajamento por parte do professor para que ela aconteça de forma eficaz, na verdade, para contar histórias, antes de mais nada, é necessário nascer um artista dentro do professor, pois não é uma mera leitura, mas um enredo permeado por imaginações, fantasias, capazes de envolver a criança e transporta-la para um mundo paralelo, e quanto mais o professor for capaz de incorporar o artista, maior a aprendizagem ocorrerá, contação de história é uma arte, o professor antes de mais nada é um artista.

Dentre as histórias mais utilizadas na educação infantil, a que mais se destaca são os contos de fada.

CONTOS DE FADA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: QUAL A SUA CONTRIBUIÇÃO?

Enfatiza-se nessa pesquisa o uso das histórias contadas, principalmente na Educação Infantil. A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade que a vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações.

Os contos de fadas funcionam como instrumentos para a descoberta desses sentimentos dentro da criança (ou até mesmo de adultos), pois os mesmos são capazes de nos envolver em seu enredo, de nos instigar a mente e comover-nos com a sorte de seus personagens. Causam impacto em nosso psiquismo, porque tratam das experiências cotidianas, permitindo que nos identifiquemos com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, cujos feitos narrados expressam, em suma, a condição humana frente às provações da vida. Histórias como: Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Cinderela, o Lobo Mau e todos os seus companheiros continuam sendo os antídotos mais eficientes contra as angústias e temores infantis. Quando essas histórias são apresentadas às crianças, as personagens podem ajudá-las a se tornar mais sensíveis, esperançosas, otimistas e confiantes na vida.

Libâneo (2006), com os seus escritos contribui explicando sobre a prática educativa, para ele, essa prática é permeada pelo meio social, no qual estamos inseridos, pontua que a educação é necessária em qualquer espaço, por meio dela o indivíduo aprende como viver em sociedade ao passo de não ser possível à existência da sociedade sem que haja uma prática educativa.

A educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da

formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas de coletividade (LIBANEO, 2006, p. 17).

Desta forma, as práticas educativas na educação infantil é caracterizada pelo o uso do lúdico, um meio de acessar a realidade da criança. A fantasia é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. Nessas histórias, a criança se identifica mais facilmente com os problemas dos personagens. Ao mergulhar com prazer no faz-de-conta, as crianças dão vazão às próprias emoções. Os contos começam de maneira simples e partem de um problema ligado à realidade como a carência afetiva de Cinderela, a pobreza de João e Maria ou o conflito entre filha e madrasta em Branca de Neve.

Na busca de soluções para esses conflitos, surgem as figuras “mágicas”: fadas, anões, bruxas malvadas. E a narrativa termina com a volta à realidade em que os heróis se casam ou retornam ao lar. Bettelheim (1980) em seu livro A psicanálise dos contos afirma:

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a ao abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente.

A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Não esqueçamos que as crianças dão vida a tudo. Para elas, o sol é vivo, a lua é viva, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida. Ainda de acordo com Bettelheim (1980), para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades; e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos da personalidade da criança e isso sem nunca menosprezá-la, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e simultaneamente promover a confiança nela mesma e no seu futuro. Penso que um dos meios mais preciosos que existe de se falar ao coração é a literatura; ela é encantadora, capaz de nos mover sem sairmos do lugar. É fascinante reconhecer o quanto uma leitura é capaz de explorar a nossa imaginação, mexer com nossos sentimentos mais íntimos e contribuir no desenvolvimento da imaginação, da fantasia e até mesmo da personalidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar história é umas das práticas mais antigas em todo mundo, as escrituras